

## Recensão

Rocha, A., Ferreira, E., Bento, J. O. & Almeida, L. S. (Orgs) (2021). *Percursos com Sentido*. ANEIS

Um livro deve ser um bom professor. Deve proporcionar saberes, mas também emoções. Deve ensinar, mas também inquietar, comover, encantar, semear crescimento. *Percursos com Sentido* consegue tudo isso. Trata-se de uma compilação de quinze entrevistas a profissionais com desempenho excelente em áreas tão distintas como as artes, a cidadania, o desporto, as empresas e a investigação científica. Por sua vez, as entrevistas são balizadas por um prefácio, notas introdutórias (dos organizadores) e um posfácio, cuja qualidade também importa referir. O prefácio, do Prof. Manuel Patrício, dançando com as palavras do título e o sentido da vida, faz adivinhar o prazer que a obra traz. O posfácio, do Prof. António da Nóvoa, sistematiza regularidades nas diferenças do que foi lido e, humildemente, conclui que os entrevistados não carecem de “tradutores” – sim, ler as suas palavras em carne viva é um exercício apaixonante. A primeira nota introdutória, emocionada, contextualiza a obra neste tempo obscuro que necessita de “novas caravelas” e de “recusa de lamúrias” e sublinha a inspiração que dela deve interpelar todos os cidadãos. Segue-se uma nota necessariamente sóbria que enquadra os saberes a destilar das entrevistas e que caracterizam a excelência profissional.

Chegamos ao núcleo do livro: as entrevistas. A obra cumpre o que a segunda nota introdutória apresenta - com clareza e atualidade, o leitor tem a oportunidade de encontrar ou reconhecer conhecimento nas vozes escutadas. Assim, emerge em todas as entrevistas a conceção de excelência, definida por Nuno Delgado como “um estado de desempenho que nos permite desenvolver mestria numa determinada área e contexto”. Na linguagem predominantemente entusiasmada dos entrevistados, muitas vezes se fundem os motivos para a excelência com a descrição do seu exercício. Em comum, porém, surge o traço da superação de si mesmo. “Pôr a fasquia no céu” (Fernanda Ribeiro), a “busca do melhor de nós” (Olga Roriz), superar “limites que julgamos insuperáveis” (Diná Azevedo), “conquistar aquilo que está longe de mim” (Rui Nabeiro) ou “sentir que melhor do que aquilo eu não sou capaz” (Alice Vieira) são exemplos desta conquista permanente de si, a qual é transdisciplinar. Aliás, a transdisciplinaridade é explicitada por vezes – “Tento superar-me a cada palavra” (escrita) “assim como um corredor não quer apenas chegar à meta” (mas) “o mais rápido que pode e sabe, quer bater os seus recordes” (Afonso Cruz).

Também é possível reconhecer, no conceito de excelência, explicitamente nuns casos e adivinhando-se noutros, criatividade – quer em produtos criativos inequívocos dos

entrevistados (coreografias, música, investigação científica, escrita), quer em rasgos de empreendedorismo (em todas as áreas), quer mesmo em inovações no exercício da cidadania, como nos casos de Adriano Moreira, Rui Nabeiro ou D. Januário Torgal. Este “pensar diverso” (D. Januário) ou esta coragem de ir “reinventando o caminho” (Francisca Van Dunem), existentes em todas as entrevistas, ilustram coexistência de originalidade e de eficácia, isto é, inovação.

A excelência é ainda uma confluência de variáveis pessoais e de contexto. Todas as entrevistas o afirmam. Começamos pelas dimensões pessoais. O talento e a precocidade de interesse pela área de excelência aparecem na esmagadora maioria dos testemunhos. Competências cognitivas e um saber profundo são frequentemente referidos. Todavia, são características de personalidade as que mais se destacam. Vejamos as mais comuns, coloridas com palavras dos entrevistados. Quando percursos cujo sucesso é por vezes assumido como independente de reconhecimentos externos, pois podem não passar “de fogos-fátuos” (Filipe Pinto-Rebello) e o que importa é “uma partilha sem concessões (...) mas como consequência de uma verdade interna” (Afonso Cruz); quando “A missão é descobrir essa missão, esse fluxo original” (de si) (Olga Roriz); quando se tomam “decisões por vezes fora de tudo a que os manuais se referem” (Manuel Antunes) e “a mudança tem de estar em primeiro lugar dentro de cada um” (Leonor Campos), é a autonomia que impera. Quando seis de quinze percursos são cumpridos por mulheres e todas elas reconhecem alguma discriminação de género, mesmo que seja alheia aos seus trilhos pessoais, é essa independência *essencial* num mundo de outros que se afirma. Todos eles não estão à espera que se lhes diga o que é e o que há para fazer – “Enquanto os outros para lá iam, eu já de lá vinha” (Rui Nabeiro). A motivação intrínseca, a qual arrasta paixão, vigor e vontade, é também forte denominador comum – “eu escrevo por gosto” (Alice Vieira), “O que me move (...) é acordar todos os dias e sentir a mesma paixão (...) pela Ciência” (Ana Pires) e, face a dores físicas, Fernanda Ribeiro afirma “quando pensava que tinha aquele sonho dentro de mim, as dores fugiam”. A palavra “paixão”, aliás, surge na maioria das entrevistas. Ora, à paixão alia-se tremenda persistência, incontável trabalho. “Eu sou o meu maior adversário” (Nuno Delgado), “teimosia (...) como um foco para os meus objetivos” (Ana Pires) ou “Perder o fôlego é desistir de nós mesmos” (D. Januário Torgal) são algumas de inúmeras expressões de uma tenacidade incomum. Trabalho é palavra chave – “chegar à fábrica em primeiro e ir dela (...) em último lugar” (Rui Nabeiro), “Rasgar, rasgar, rasgar muito” enquanto escreve (Alice Vieira), “depois, o trabalho, trabalho, trabalho” (Sobrinho Simões).

Dois entrevistados, de áreas diferentes, fazem a mesma citação – “só nos dicionários o sucesso vem antes do trabalho”.

O indivíduo é também “resultado de variadíssimas influências” (Filipe Pinto-Ribeiro). Variáveis de contexto moldam estas pessoas de exceção e por diferentes atuações. Apoios no início dos percursos e na atualidade são mencionados, e muitas vezes nomeados, por todos. Tais apoios correspondem a familiares, instituições, referências próximas ou longínquas da vida pessoal, sendo todos eles âncora ou inspiração. Além da especificidade dessas referências, é reconhecido, por muitos entrevistados, o papel do acaso. Um acaso que se operacionaliza em oportunidades sagazmente percebidas e rentabilizadas: “As oportunidades, por si, são impotentes” (Afonso Cruz), “a sorte dá muito trabalho” (Manuel Antunes), “percecionar desafios como oportunidades” (Diná Azevedo). Há uma feliz conjugação deste acaso com o indivíduo; porém, a aleatoriedade faz parte dos percursos, tal como é afirmado na literatura sobre o tema: “Tudo aconteceu na altura certa” (Olga Roriz), é necessária “alguma percentagem de sorte” (Ana Pires), “(...) o fator sorte. A todos os níveis” (Sobrinho Simões), “estar no sítio certo no momento certo” (Manuel Antunes). O acaso está na abertura de uma universidade, num evento político que marcou opções científicas, na morte prematura de um progenitor, na demissão de alguém que era necessário substituir, nas particularidades de um grupo de trabalho – “gritos de história” (D. Januário Torgal), gritos que saem da História do mundo ou da estrada pessoal. Há nestes percursos uma “mágica síntese, lembrando a obra de Arieti sobre criar.

Tudo isto aparece ao leitor numa linguagem emotiva, luminosa, impregnada de estética e de ética. O Outro está sempre presente, quer na “gradidão”, palavra tantas vezes dita com emoção, quer numa preocupação intrínseca aos percursos narrados – “Um ser só pode alcançar algo não pensando só em si” (Rui Nabeiro), “ganhava (...) por ter nas minhas pernas e na minha cabeça um povo inteiro” (Fernanda Ribeiro). Por vezes, surge mesmo como objetivo último destes caminhos o “lema supremo” ou “a arte nobre” de “servir” (Rui Beiro, Diná Azevedo). Todos os testemunhos explicitam a relevância de valores humanistas, os quais regem pensamentos, motivos, atos quotidianos, preocupações. A justiça, a ajuda, a igualdade, a ética profissional são inquietações constantes, não só relatadas face ao passado, mas projetando futuro. Estas vozes deixam-nos projetos e interpelações, plenas de humanismo, face ao sentido de todas as vidas. “Quando a geração que se segue avaliar o legado daquela que se vai suceder não vai ser benevolente”, avisa Adriano Moreira e “O sonho é o oxigénio da realidade”, lembra Rui Nabeiro.

Muito ficou por dizer. *Percursos com Sentido* não só interessa um público de acadêmicos, educadores, profissionais motivados pelo estudo da excelência, mas interpela e contagia todos os potenciais leitores. É uma obra leve e densa, sábia e emotiva. É uma obra inspiradora de silêncios e de atos, de encontros com sentido em cada um de nós.

Maria de Fátima Morais